



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
BACHARELADO EM HUMANIDADES**

MÁRCIA CRISTINA XAVIER DAS CHAGAS

**AS DIFICULDADES NA PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DAS MÃES DA UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB),
DO CAMPUS DOS MALÊS**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

MARCIA CRISTINA XAVIER DAS CHAGAS

**AS DIFICULDADES NA PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DAS MÃES DA UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB),
DO CAMPUS DOS MALÊS**

Trabalho de conclusão do curso (TCC) -
Modalidade Projeto de Pesquisa,
apresentado ao Instituto de Humanidades e
Letras dos Malês - IHLM, da Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira (UNILAB), como requisito para a
obtenção do título de Bacharela em
Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Rita De Cassia
Santos Barbosa.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2025

MÁRCIA CRISTINA XAVIER DAS CHAGAS

**AS DIFICULDADES NA PERMANÊNCIA NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS NO
PROCESSO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA DAS MÃES DA UNIVERSIDADE DA
INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA (UNILAB),
DO CAMPUS DOS MALÊS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado em Curso de Bacharel em Humanidades em do Instituto de Humanidades e Letras, Campus dos Malês, da Universidade Federal da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Humanidades.

Aprovado em: 03/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ana Rita de Cassia Santos Barbosa (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Prof.^a Dr.^a Míghian Danae Ferreira Nunes

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

Prof.^a Dr.^a Zelinda dos Santos Barros

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	JUSTIFICATIVA	7
3	HIPÓTESE E PROBLEMA DA PESQUISA	8
4	OBJETIVOS	9
4.1	GERAL	9
4.2	ESPECÍFICOS	9
5	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	9
6	METODOLOGIA	13
7	CRONOGRAMA	14
	REFERÊNCIAS	15

1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca da permanência no Ensino Superior tem ganhado destaque no campo das políticas educacionais, sobretudo quando se consideram grupos historicamente vulnerabilizados. Entre esses segmentos, as mães universitárias constituem um público cuja trajetória acadêmica é marcada por desafios específicos, que ultrapassam as barreiras comuns vivenciadas por grande parte dos estudantes. A conciliação entre as demandas acadêmicas, as responsabilidades maternas e, em muitos casos, a inserção no mercado de trabalho, configura um cenário de múltiplas exigências que impactam diretamente o desempenho e a continuidade dos estudos.

É o sonho de muitas pessoas, sobretudo da população de baixa renda, ingressar no Ensino Superior para ter uma melhor qualidade de vida e também proporcionar uma melhor qualidade de vida aos seus. Mas a realidade é que o Ensino Superior pode apresentar grandes desafios para muitos estudantes. Para as estudantes que são mães, essa jornada torna-se ainda mais complexa e exigente, pois além de enfrentar a vida acadêmica, que sabemos que não é fácil e com várias demandas como o deslocamento para o local de ensino, entregas de atividades, trabalho de conclusão de curso e outras tarefas, elas ainda enfrentam, muitas vezes sozinhas, barreiras relacionadas à responsabilidade maternal, sendo que dificilmente muitas dessas mães têm a ajuda de seus companheiros na divisão das tarefas doméstica e na responsabilidade na criação dos filhos.

É importante ressaltar também sobre a falta de suporte institucional oferecido a essas mães pela própria Instituição de Ensino Superior (IES), como nas universidades públicas por exemplo, no qual não é incomum encontrar muitas mães com seus filhos na universidade por não terem um rede familiar próxima para deixá-los, sendo que essas unidades de ensino são lugares em que muitas das vezes não há um ambiente adaptado para receber essas crianças, como creches por exemplo, para que as mães possam deixar os seus filhos e estudar com mais tranquilidade. Esse fato pode ser observado na própria Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB do campus dos Malês, lócus da pesquisa.

Um outro fator que deve ser ressaltado é que muitas dessas mães, na maioria das vezes, são mulheres com baixa renda e com uma certa dificuldade financeira, precisando, por conta do trabalho e também do transporte, estudar no período noturno, pois em alguns municípios, como no de Santo Amaro-BA, só é oferecido

transporte para os universitários nesse período. Os que optam em estudar no período matutino ou vespertino, precisam tirar do próprio bolso para pagar o transporte até a universidade, o que acaba ocasionando em impactos no orçamento dessas mães que já não ganham tão bem, que têm que trabalhar fora de casa para tentar complementar as despesas familiar, além de serem responsáveis também pelo serviço doméstico em sua residência, que é de certa forma invisibilizado pela nossa sociedade com o modelo predominante do patriarcalismo. A Atribuição dessas mulheres pelos afazeres domésticos chegou a ser tema do exame nacional do ensino médio do Brasil em 2023 (ENEM), cujo tema da redação foi: "Desafios para o enfrentamento da invisibilidade do trabalho de cuidado realizado pela mulher no Brasil".

Então, como podemos constatar, até mesmo em um dos dados sobre o tema do Enem 2023 encontrado em um dos textos bases da redação supracitada, "As mulheres são responsáveis por mais de três quartos do cuidado não remunerado e compõem dois terços da força de trabalho envolvida em atividades de cuidado remunerados"¹, ou seja, em três de cada quatro casas da sociedade brasileira, as mulheres exercem esse cuidado doméstico que não é remunerado, levando as mulheres a excessos de responsabilidades que acabam ocasionando em exaustão, estresses, problemas emocionais entre outros fatores agravantes em sua saúde física e mental. Segundo Barreto:

A jornada média das mulheres nas atividades domésticas é mais que o dobro da jornada masculina, já que os números indicam 20,6 horas/semana para mulheres e 9,8 horas/semana para os homens. Articulando a jornada profissional com a doméstica, as mulheres trabalham um total de 56,4 horas e os homens 51,6 horas, contabilizando cinco horas a mais para as mulheres (Barreto, 2014, p. 12).

A formação educacional das mulheres esteve, por séculos, condicionada a papéis sociais restritivos e a uma cultura patriarcal que limitava suas oportunidades. Nesse contexto, segundo Pereira e Nunes (2018),

Historicamente, o direito ao acesso ao ensino no Brasil se configurou em um processo excludente e desigual para as mulheres. De acordo com (Ribeiro 2000, apud PEREIRA e NUNES 2019), a tradição importada pelos europeus, durante o processo de colonização do Brasil, pregava a inferioridade da mulher, portanto, não considerava necessária a alfabetização das mesmas. Marcada pela inserção tardia ao ensino, a educação feminina, desde o período Colonial, era voltada às orientações e cuidados do lar.

¹ https://www.oxfam.de/system/files/2020_oxfam_ungleichheit_studie_englisch_time-to-care.pdf

E muito desses pensamentos negativos sobre as mães, sobretudo na questão de cuidado com os filhos, tem se estabelecido até hoje, como podemos constatar em uma pesquisa recente:

Uma pesquisa do Datafolha, realizada em 2024 com 2.022 pessoas de 147 municípios de todas as regiões do país, revela que 69% dos brasileiros consideram que as mulheres devem ser as principais cuidadoras de filhos recém-nascidos, e com uma crescente evolução da participação das mulheres no ensino superior, chegando a um aumento de 138% entre 2013 e 2023, essas realidades acabam por colidir. (Focas na rede, 09/05/2025).

A problemática que fica é a seguinte: diante de tanto negacionismo no direito de nós, mulheres, aos estudos, e atualmente, principalmente pelas dificuldades que nós, mães universitárias temos enfrentado para conseguir obter o diploma, faz-se necessário dar destaque a essa temática, de modo a buscar soluções de acesso e permanência para as mães universitárias.

2 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema foi devido às minhas próprias vivências como mãe estudante universitária, pelas dificuldades enfrentadas durante o processo acadêmico, onde passei momentos difíceis, durante as idas à faculdade. Minha filha mais velha ficava com a irmã mais nova e houve um período, especificamente, de muita dificuldade quando a minha filha mais velha, que era minha rede de apoio, foi diagnosticada com câncer e teve que passar por tratamentos e procedimentos cirúrgicos. Nesse período eu me matriculava mas não cursava os componentes, isso como forma de não trancar o curso e perder a vaga na Universidade, pois tive que fazer mudanças na minha vida, como por exemplo morar em Salvador para acompanhá-la e estar presente a todo momento com ela. Nesse período, ainda com muito sacrifício, consegui terminar as disciplinas obrigatórias. Logo em seguida, veio o falecimento dela e continuei na faculdade nesse mesmo processo, onde sigo me recuperando, vivendo um dia de cada vez para não desistir dos nossos sonhos. Refiro-me “nossos”, pois era um dos maiores sonhos de minha filha me ver graduada, a mesma era minha maior incentivadora.

Diante disso, observo que a sociedade acarreta várias obrigações que podem

prejudicar o rendimento acadêmico feminino no Ensino Superior, pois muitas mães sofrem com a ausência de apoio familiar e institucional, além de problemas financeiros e excesso de responsabilidade maternal e domiciliar, que pode resultar muitas vezes no abandono acadêmico. À vista disso, também é perceptível que outras mulheres, assim como eu, sofrem com essas barreiras, sendo crucial discutir meios para a elaboração de políticas que incentivem a inclusão feminina e a igualdade nas Instituições de Ensino Superior.

Historicamente, o acesso das mulheres à educação superior foi marcado por desigualdades e preconceitos, e, embora tenham ocorrido avanços nas últimas décadas, ainda persistem obstáculos estruturais e culturais que dificultam a trajetória acadêmica das mães. Entre esses desafios, destacam-se a falta de políticas institucionais de apoio, a sobrecarga de tarefas domésticas, a escassez de tempo para os estudos e as limitações financeiras decorrentes das responsabilidades familiares.

Dessa forma, investigar *As Dificuldades na Permanência no Ensino Superior: Os Desafios no Processo de Formação Acadêmica das Mães Estudantes da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), do Campus dos Malês*, contribui para o debate sobre equidade de gênero e inclusão no ambiente universitário, possibilitando reflexões que possam subsidiar a formulação de políticas públicas e práticas institucionais voltadas ao acolhimento e à permanência dessas mães. Além disso, o estudo busca dar visibilidade a uma realidade frequentemente invisibilizada nos espaços acadêmicos, fortalecendo o direito à educação como instrumento de emancipação e transformação social.

3 HIPÓTESE E PROBLEMA DE PESQUISA

A ausência de políticas institucionais efetivas de apoio à maternidade estudantil na UNILAB contribui significativamente para as dificuldades de permanência das estudantes mães no Ensino Superior. Dessa forma, o presente estudo parte do seguinte problema de pesquisa:

Quais são as principais dificuldades enfrentadas por estudantes mães da UNILAB na permanência no Ensino Universitário?

4 OBJETIVO DA PESQUISA

4.1 GERAL

Realizar uma análise das principais dificuldades enfrentadas por estudantes da UNILAB que são mães na permanência no Ensino Universitário através de um questionário.

3.2 ESPECÍFICOS

- Identificar mães que são estudantes da UNILAB (Campus dos Malês) e que têm filhos com faixa etária abaixo de 12 anos;
- Compreender quais são as principais dificuldades enfrentadas;
- Conhecer as estratégias adotadas por essas mães para superar os obstáculos e buscar meios para a sua permanência na UNILAB;
- Identificar qual(is) suporte(s) a instituição de Ensino em questão tem oferecido às mães estudantes.

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

Dentro do contexto apresentado acima, é de total importância termos conhecimento das dificuldades enfrentadas pelas mulheres mães na inserção e permanência no Ensino Superior, pois essas mulheres, assim como eu, passam por diversas dificuldades para chegar a concluir o ensino, com políticas quase inexistentes para com a sua permanência, pois essa inserção da mulher no espaço acadêmico só veio a acontecer há pouco tempo atrás, como podemos observar.

As universidades representam o mais alto grau educacional e um ambiente rico em produção de conhecimentos e trocas acadêmicas. Entretanto, é somente a partir da década de 1970, com as críticas ao modelo educacional eurocêntrico e o advento da epistemologia feminista, que se inicia, na América Latina, um processo de defesa de um modelo educacional crítico nestas instituições e de busca de igualdade de direitos e condições com base na construção de espaços acadêmicos propícios ao acesso, à permanência e a segurança física e emocional, a serem viabilizados por ações políticas. A entrada de mulheres na educação superior é recente na história da humanidade. Por séculos, sua presença nas universidades foi proibida,

realidade que foi transformada a partir das lutas das mulheres pelo direito à educação. O acesso das mulheres ao ensino superior foi o início de um processo de transformação do ambiente universitário em um espaço que as acolha e as reconheça como produtoras do conhecimento científico e tecnológico, desafio que as mulheres ainda enfrentam (Pedro; Luz, 2021, p. 1-2).

Como observado acima, se torna importante o debate sobre a permanência das mulheres, sobretudo mães, nos espaços acadêmicos, pois muitas dessas mulheres acabam abandonando os estudos por pressões internas e externas, pois:

Além de cuidar dos filhos e prover o sustento da família, muitas mulheres têm buscado outras formas de atender suas necessidades e interesses e várias delas têm encontrado no meio acadêmico possibilidades para se desenvolverem e expandirem seus projetos de vida. Nesse sentido, a pluralidade de mulheres-mães que ocupam as universidades como graduandas e pós graduandas movimenta um questionamento: por que as pesquisas e as práticas educacionais e de assistência em saúde mental pouco têm ressaltado as necessidades e os desafios enfrentados por essas mulheres? (Ferreira; Borges, 2023, p. 1).

Luz e Pedro (2021), ainda sobre essa discussão dos passos lentos dado pelas instituições públicas na permanência dessas mães afirmam que:

São inegáveis os grandes avanços no acesso à educação das mulheres, notados no fato de que a maioria dos estudantes brasileiros na educação superior é composta por mulheres. No entanto, isso não significa que a igualdade de gênero seja uma realidade nas instituições de ensino superior. Estereótipos de gênero e a desvalorização do feminino presentes na sociedade se expressam também nos espaços educacionais. As atividades do cuidado ainda são percebidas socialmente como femininas. Em uma sociedade com fortes marcas de uma estrutura patriarcal, atividades associadas ao feminino (profissões relacionadas ao cuidado, por exemplo), tendem a ter um menor reconhecimento social. Por outro lado, atividades percebidas como masculinas (ciência e tecnologia, por exemplo), tendem a ser mais valorizadas.[...] Assédios, desvalorizações e outros tipos de violência são fatores que contribuem para a evasão das mulheres nos cursos superiores (Pedro; Luz, 2021, p. 2).

Se pensarmos na perspectiva histórica, “desde o período colonial, a educação feminina era restrita ao lar e para o lar, ou seja, aprendiam atividades que possibilitaram o bom governo da casa e dos filhos” (Aragão; Kreutz, 2010, p. 109). As mulheres estavam destinadas a cuidar do lar, do marido e dos filhos, e quando se tratava de educação, a mulher só poderia ser: “educada para ser uma exímia dona de casa, mãe cuidadosa e esposa exemplar, sempre à disposição do marido. Ora, se zelar pela família era o que se esperava dela, não havia necessidade de outras aprendizagens senão prendas domésticas” (Aragão; Kreutz, 2010, p. 109).

Segundo dados de uma pesquisa realizada, em 2014, que investigava os aspectos socioeconômico dos discentes no Brasil, constatou que:

Apenas 11,78% dos graduados possuem filhos. Comparando as regiões brasileiras, a percentagem de estudantes com filhos mostrou-se maior nos estados do Norte (19,74%) e menor no Sudeste (8,01%). No que se refere aos cuidados a crianças de menor idade no período de estudo do(a)s graduando(a)s com filhos, verificou-se que 71,84% deles deixavam seus filhos com familiares quando estavam na instituição de ensino, sendo tal prática mais acentuada nas regiões Centro-Oeste (79,3%) e Nordeste (75,35%). A proporção de estudantes que levavam seus filhos para a universidade também era relativamente maior nestas regiões (5,55% no Norte e 4,69% no Centro-Oeste), (FONAPRACE, 2014 *apud* Borges; Ferreira, 2023, p. 3).

Como podemos observar, há uma década atrás, de cada 100 estudantes universitários, aproximadamente apenas 12 tinham filhos, e 88 não tinham, o que deixa evidente a dificuldade de entrar e permanecer nas universidades dividindo o papel paternal e maternal, o que também pode ser explicado pela falta de suporte institucional das (IES) oferecido aos estudantes que são pais/mães na sua permanência e conclusão do curso universitário. E se levarmos para uma perspectiva racial e de gênero, sabemos quem é o gênero e a raça mais afetada, que são as mulheres negras periféricas, como lemos aqui:

Frente às infindáveis manifestações de poder que garantem a hegemonia dos homens brancos, as mulheres-mães se encontram no ponto de maior vulnerabilidade institucional, sobretudo as que já estão afetadas do ponto de vista das desigualdades socioeconômicas, raciais e de gênero como antecessoras às possíveis violências praticadas no meio universitário (Borges; Ferreira, 2023, p. 2-3).

Diante disso, fica evidente que determinado segmento social sofre ainda mais para conseguir permanecer e concluir o curso superior. Luz e Pedro (2021) afirmam que:

Na educação superior, a trajetória acadêmica das mulheres está permeada por condições objetivas de vida, oportunidades de acesso e permanência nos cursos e por políticas de acolhimento das mulheres nas universidades. A presença feminina em salas de aula está inserida em relações de gênero que expressam as desigualdades de poder entre homens e mulheres. Esse contexto representa obstáculo para que mulheres concluam seus estudos [...] (Luz; Pedro, 2021, p. 3).

As instituições de ensino superior devem promover políticas inclusivas que contemplem os diversos perfis de mulheres. Discutir, pesquisar e buscar soluções para os problemas apontados pelas mulheres em suas trajetórias

acadêmicas pressupõem a inclusão da discussão de gênero na universidade. Os estudos de gênero devem incluir, por sua vez, a discussão sobre as demandas das mulheres residentes na periferia, das mulheres negras, indígenas e com deficiência, (Luz; Pedro, 2021, p. 9).

Quando pensamos em implementações que possam viabilizar a permanência dessas mães na universidade, devemos principalmente buscar entender as dificuldades principais que essas mães passam.

Ouvir as mães estudantes e implementar ações que viabilizem a conclusão de seus estudos é fundamental para a educação. Ter nos espaços da universidades espaços adequados para troca de fraldas, acessibilidade para carrinhos de bebês e o acolhimento do direito da criança à amamentação são questões que auxiliariam, mas que precisariam ser ampliadas com a criação nas instituições de ensino superior de para espaços de educação infantil (creches) com horários adequados para a mãe estudante (Luz; Pedro, 2021, p. 9).

Ao enfatizarem a importância da escuta, acolhimento e intervenção no contexto universitário, os autores apontam para a urgência de romper com estruturas sexistas e excludentes, consolidando a educação superior como espaço de transformação social, pautado na justiça, igualdade e equidade de gênero.

Luz e Pedro ainda afirmam que:

Cabem o incentivo e o investimento no sentido da ampliação de pesquisas sobre o tema, subsidiando a elaboração de políticas educacionais que abarquem a diversidade do ser humano. A assistência estudantil deve ser consolidada como política estratégica no âmbito da educação superior, capaz de avançar nos processos de escuta, acolhida e intervenções que garantam as condições de permanência de todos e todas, promovendo a inclusão de mulheres na educação superior e rompendo com políticas sexistas, machistas e de não-pertencimento de estudantes ao universo estudantil e, dessa forma, fazer da educação superior uma possibilidade real de transformação de uma sociedade que se alicerce em justiça e igualdade. (Luz; Pedro, 2021, p. 9).

Ainda tem a questão do bullying e “olhos tortos” que algumas dessas mães sofrem ao levar seu filho para sala, quando a criança chora, ou brinca, ou seja, faz coisas que crianças fazem. Em seu texto, Hoshino (2017) explica sobre esse fato com o relato de uma estudante: Naiara conta que outras mães, também do curso de Pedagogia, têm sido vítimas de bullying em sala de aula. Na fala de Naiara ela diz que: “A sociedade não está preparada para aceitar crianças em ambiente de adultos. Ter filhos, estando na universidade, te faz uma errante na vida, dentro dessa composição linear que acham que a vida tem que ter”.

Percebemos que por muito tempo as mulheres ficaram condicionadas apenas ao lar, submissas a um contexto familiar patriarcal, onde o machismo era gritante, e como essas práticas não deixaram de vigorar, como consequência disso a escolarização ficou sempre como segundo ou terceiro plano. Diante disso, vamos buscar referências que sejam compostas por artigos científicos que abordem e dialoguem diretamente com o tema central do estudo, focando nas dificuldades enfrentadas pelas mães no ensino superior e os impactos dessas dificuldades em sua trajetória acadêmica.

6 METODOLOGIA

Este projeto de pesquisa partirá de uma pesquisa qualitativa, que inclui além do estudo bibliográfico, um levantamento das mães universitárias da Universidade Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), Campus dos Malês, que têm filhos com idade de até 12 anos, ou seja, pessoas consideradas crianças segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Tal levantamento será realizado através de um questionário fechado enviado a partir do Google Forms para as estudantes mães da UNILAB, Campus dos Malês. A partir desse levantamento inicial será realizado um diagnóstico com o objetivo de compreender as dificuldades enfrentadas por elas. Em seguida, algumas mães serão convidadas para participar de uma roda de conversa a ser desenvolvida em grupo, contendo no máximo dez mães, a fim de aprofundar sobre os objetivos propostos neste projeto.

A partir do diálogo que estabelecerei com essas mães, explicarei sobre os objetivos deste trabalho a fim de informar sobre como se dará a coleta de informações, com o objetivo de identificar as dificuldades enfrentadas por elas, além de verificar o que a instituição tem feito para a permanência das mesmas na universidade.

Neste contexto, as seguintes perguntas abaixo elencadas, poderão ser utilizadas como possível roteiro de perguntas para o questionário inicial:

- Você acredita que de alguma forma a maternidade pode ter interferido em seus estudos dentro ou fora da universidade?
- Você já precisou levar seu filho(a) alguma vez para a universidade por não ter com quem deixar?
- Você já pensou em abandonar alguma vez a universidade por não

conseguir dar conta de criar (seu) filha(o) e estudar?

- Você tem alguma rede de apoio em casa na divisão das tarefas e cuidado com as crianças?
- Você conhece a existência de leis educacionais brasileiras a favor da maternidade? regime de exercícios domiciliares a partir do oitavo mês
- Você acredita que a direção da UNILAB do campus dos Malês, tem dado algum apoio às mães universitárias na sua permanência no ensino? Se sim, quais?
- Você já precisou trancar a universidade pela questão maternal?
- Questionar qual suporte elas acreditam que a nossa universidade poderia dar/fazer, para que elas conseguissem concluir o ensino com maior êxito na UNILAB do campus dos Malês?

8 CRONOGRAMA

ETAPAS	TCC I	TCC II	TCC III	
Pesquisa bibliográfica	X			
Leitura e fichamentos dos textos		X		
Roda de conversa: grupo focal			X	
Aplicação do questionário		X		
Ordenação e tipificação das fontes			X	
Redação do artigo/ou monografia		X		
Escrita da redação final				X
Defesa e depósito do TCC				X

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Julia; DIAS, Felipe; EGÍDIO, Pedro; ESTEVAM, Maria. Mãe, aluna e invisível: Os desafios que as mães universitárias enfrentam no Brasil. (**Focas na Ciência e Agência Focas** – Jornalismo Uniso), 09/05/2025. Disponível em: <https://focas.uniso.br/index.php/2025/05/09/mae-aluna-e-invisivel-os-desafios-que-as-maes-universitarias-enfrentam-no-brasil/>

BARRETO, Andreia. A mulher no ensino superior: distribuição e representatividade. **Cadernos do GEA**, n. 6, jul./dez. 2014. RJ, Brasil.

BRASIL. **Lei nº 6.202/1975** atribui às estudantes grávidas o regime de exercícios domiciliares. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1970-1979/l6202.htm>. Acesso em:

BRASIL. **Decreto-lei Nº 1.044, de 21 DE OUTUBRO de 1969**. que permite às estudantes mães cumprir atividades escolares em casa a partir do oitavo mês de gestação e durante um período de três meses, prorrogável por decisão médica. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del1044.htm>. Acesso em:

CUNHA, Ana; PAIVA, Georgia. As barreiras à permanência de estudantes mães no ensino superior. **Inter-Ação**, Goiânia, v.49, n.3, p. 1711-1725, set/dez. 2024. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5216/ia.v49i3.80342>>.DOI: 10.5216/ia.v49i3.80342. 10/05/2025.

FERREIRA, M. S. C. G., & BORGES, L. M. . Os desafios de ser mãe universitária: Reflexões sobre fatores de proteção em grupo de mulheres. In: **RUMO AO FUTURO DA EDUCAÇÃO: PESQUISAS CIENTÍFICAS PARA A TRANSFORMAÇÃO EDUCACIONAL**. Seven publicações acadêmicas, capítulo 23, 2023..

HOSHINO, Camilla. “**Ter filhos, estando na universidade, te faz uma errante na vida**”. 2017. Disponível em: <https://lunetas.com.br/maes-na-universidade-ter-filhos-estando-na-universidade-te-faz-uma-errante-na-vida/>

PEDRO, Claudia; LUZ, Nanci. **Condições de permanência das mulheres na educação superior**: um estudo bibliográfico. Seminário internacional, UFSC-florianópolis, Brasil, 2021.

PEREIRA, S. O. G.; NUNES, J. B. A presença das mulheres no ensino superior e o papel das políticas de permanência das Universidades Federais brasileiras. **Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, Vitória, ES, v. 1, n. 1, 2018.